

O RITMO E O TEMPO – BREVES REFERÊNCIAS

por

Manuel Ivo Cruz*

Resumo: A eleição do tempo justo depende dos locais onde se faz música.

Palavras-chave: Medição; inteligibilidade; surpresa balética.

Abstract: The choice of the right time depends on where the music is played.

Keywords: Measure; intelligibility; balletic surprise.

Intimamente ligados, o Ritmo e o Tempo definem o encadeamento dos valores das notas que o autor utiliza para delinear a sua composição.

Palavra e conceito de origem grega, o Ritmo é a medição do movimento, a ossatura da melodia; impõe no compasso a acentuação ou a discreção de cada som, clarificando o fluir da música. O Tempo justo torna a frase musical inteligível e perfeita nas suas incidências e contornos; mas a mesma frase será irremediavelmente destruída por um Tempo exageradamente rápido ou arrastadamente lento.

Por isso o Tempo eleito pelo intérprete para cada obra é determinante da melhor ou pior leitura do pensamento criativo do autor e conseqüente recepção pelo público.

Ora o Tempo varia de concerto para concerto; os pequenos ajustes que se fazem ou são instintivos, intuitivos e imediatos ou, pelo contrário, derivam de micrometria e atentíssima análise das circunstâncias em que o concerto, ou espectáculo, se está a efectuar.

Neste resumido apontamento referirei apenas duas situações, observadas na experiência de muitos anos de profissão.

* Maestro-director,

No primeiro caso o intérprete é confrontado com a sala do concerto; de local para local, de dia para dia, as condições variam sempre – até na mesma sala, por haver mais ou menos público, ou por estar mais frio ou mais calor. As diferentes salas têm próprias capacidades de reverberação – o que implica tempos de pausa, ou de fraseio, adaptados às condições locais.

Aí, o intérprete não se detém: basta-lhe viver criativamente a obra de arte que está a transmitir para que o equilíbrio imediatamente se estabeleça. O problema é mais complicado para os maestros, que de sala para sala têm que compensar as sonoridades dos naipes que compõem a orquestra, pois em locais diversos uns instrumentos podem soar mais fortes ou mais abafados.

Mas o que obriga a variações do Tempo muito controladas verifica-se nos espectáculos de ópera e de bailado – nomeadamente nestes últimos, quando realizados em teatros cujos palcos têm uma inclinação mais ou menos acentuada, descendo do fundo para a boca de cena.

Ora, para além de todos os imprevistos que sucedem em espectáculos deste género (e eles são muitos!), uma realidade é constante: por mais a compasso que os bailarinos evoluam, o tempo que demora um “salto” iniciado na parte recuada do palco em direcção à boca de cena, é sempre mais demorado do que na acção inversa, da boca de cena para o fundo. Isto porque a inclinação do palco aumenta ou diminui, em algumas fracções de segundo, o tempo em que o bailarino esta no ar!

Acertar uma orquestra a estas constantes variações do Tempo e manter o Ritmo musical que torne a representação coerente, fluente e plausível – para que tudo se harmonize – eis uma tarefa à qual o maestro tem que estar lucidamente atento, preparado para enfrentar todas as eventualidades – sobretudo quando em tournée, em que cada sala não soa ao mesmo e, no momento em que abre o pano, cada palco tem um declive diferente do anterior!